

# **A Universidade Multifuncional nos Cursos Noturnos: Uma Análise da Formação Acadêmica do Estudante-Trabalhador e do Trabalhador-Estudante**

Lavínia Madruga Pires

Orientador: Dr. Igor Baptista de Oliveira Medeiros

## **RESUMO**

Esse estudo teve foco na formação multifuncional dos estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes do Ensino Superior Noturno no Brasil, com o objetivo geral de analisar as condições de acesso desses alunos em atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Para tanto, foi realizada uma pesquisa *survey* com amostra de 259 questionários dos respondentes público-alvo da pesquisa: alunos dos Cursos de Administração, Ciências Econômicas e Gestão Pública do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa. Além disso, foi feita uma segunda etapa de coleta com grupo focal composto por sete discentes oriundos da *survey*. Os principais resultados constatam que a UNIPAMPA não fornece condições de acesso para os alunos dos cursos noturnos terem uma formação multifuncional. Observou-se que a maioria dos alunos do noturno raramente faz atividades acadêmicas fora do horário da aula, devido ao cansaço, falta de tempo e a dupla jornada de trabalho e estudo. Além disso, a oferta de atividades realizada pela UNIPAMPA não consegue alcançar os alunos dos cursos noturnos.

**Palavras-chave:** Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Cursos Noturnos. Trabalhador-estudante. Formação multifuncional.

## **ABSTRACT**

This study focused on the multifunctional formation of student-workers and student-students of Night Higher Education in Brazil, with the general objective of analyzing the conditions of access to students in Teaching, Research and Extension activities. To this end, a survey was carried out with a sample of 259 questionnaires from the survey's target audience: students from the Administration, Economic Sciences and Public Management Courses at the Santana do Livramento Campus of the Federal University of Pampa. In addition, a second stage of collection was carried out with a focus group composed of seven students from the research. The main results show that UNIPAMPA does not offer access conditions for students of evening courses to have a multifunctional training. It was observed that the majority of night students rarely do academic activities outside of class hours, due to tiredness, lack of time and the double work and study hours. In addition, an offer of activities carried out by UNIPAMPA is unable to reach students in evening courses.

**Keywords:** Teaching, Research and Extension activities. Evening courses. Worker-student. Multifunctional formation.

## **1 INTRODUÇÃO**

A proposta do seguinte estudo se dá a partir da averiguação do surgimento dos cursos no período noturno no Brasil, pois o foco central do presente estudo é a participação acadêmica dos estudantes nos cursos noturnos nas Universidades Federais do País. De acordo com Furlani (1998), a história do Ensino Superior noturno no Brasil inicia a partir de 1960. A oferta de

cursos noturnos proporcionou a inclusão de alunos que estavam impossibilitados de obter um diploma no Ensino Superior e essa oferta foi resultado de recorrentes reivindicações de estudantes que não obtinham vagas em outros turnos, por causa de suas rotinas de trabalho ou por outros motivos que os impediam de estudar no diurno (TERRIBILI FILHO; NERY, 2007).

Outro marco importante para a oferta de Ensino Superior noturno foi a inclusão do inciso VI do Artigo 208 da Constituição Federal de 1988, que estabeleceu a expansão do Ensino Público noturno para que fosse possível ter “oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando” (BRASIL, 1988). Por fim, a obrigatoriedade das instituições públicas para a oferta das vagas no período noturno tornou-se indubitável na Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Após anos de estagnação da oferta de vagas nas universidades federais públicas, a partir de 2007, foram criadas novas vagas por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, fruto da vontade política do governo Lula. Diante disso, o Ministro da Educação, Fernando Haddad criou o programa, que tinha como objetivo “criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação (...)” (REUNI, 2007, p. 7). Apesar de ter como um dos seus objetivos a ampliação das vagas nos cursos noturnos nas Universidades Federais, os resultados do REUNI mostraram que as matrículas nos cursos presenciais do período noturno nas Universidades Federais mantiveram a proporção de menos de 31% das vagas ofertadas, ao passo que as matrículas nos cursos presenciais do período noturno nas instituições privadas equivalem a 68% das vagas ofertadas (INEP, 2019).

Ademais, as vagas ofertadas no Ensino Superior privado se devem a uma oferta menor no Ensino Superior público e pode-se ter alguma relação com o desequilíbrio entre os tipos de cursos ofertados nas universidades federais e nas universidades privadas, o que talvez dificulte o ingresso dos estudantes que trabalham nos cursos noturnos nas instituições públicas. Segundo Fernandes (2020) a estrutura das classes sociais faz com que as classes subalternas não tenham oportunidades educacionais que abrangem uma política equitativa e democrática, possivelmente por esse motivo cria-se a alternativa para que os estudantes optem por ingressar no Ensino Superior no setor privado. Já que o perfil predominante do estudante dos cursos noturnos é o do estudante-trabalhador que exerce função remunerada, mas recebe apoio financeiro da família e do trabalhador-estudante que exerce função remunerada sendo o responsável de colaborar inteiramente com o orçamento doméstico (FURLANI, 1998). Ou seja, esses estudantes muitas vezes são impossibilitados de ingressar nas Universidades Públicas pela demanda necessária e intensa de estudos para obter a vaga, mas ainda assim buscam “melhorar” a situação financeira ou aprimorar o intelecto através da tentativa de ingresso no Ensino Superior.

No que se refere à trajetória acadêmica após o dificultoso ingresso do estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante no Ensino Superior noturno nas Universidades Federais, foco central do presente estudo, é possível que ocorra certas lacunas na formação acadêmica desses discentes. Ou seja, a execução de suas atividades acadêmicas de pesquisa e extensão acabam sendo prejudicadas por suas rotinas de trabalho e estudo. Para Sposito (1989) apud Furlani (1998, p. 35) “trabalhar e estudar representam pesado desgaste físico, aliado à alimentação precária e repouso (horas de sono) insuficiente.” Assim sendo, essas questões enfrentadas pelos discentes dos cursos noturnos, dificultam o que para Ribeiro (1969) é a mais alta responsabilidade da Universidade, a função de um órgão que deve incentivar a criatividade cultural e científica e que deve buscar conscientizar e desenvolver a visão crítica dos estudantes.

Em estudo realizado na Universidade Federal da Bahia, Maranhão (2015) identificou que a participação dos alunos dos cursos noturnos nas atividades acadêmicas completas do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante é prejudicada por causa da conciliação entre

trabalho e estudo. Nota-se, portanto, a relevância de verificar se os estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes dos cursos noturnos não conseguem de fato participar das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão em sua totalidade. Com o intuito de que seja cumprido o que consta no Artigo 207 da Constituição de 1988, o dever das Universidades Públicas de obedecer ao princípio de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão (BRASIL, 1988). De acordo com Ribeiro (1969), a atividade de Extensão é uma das funções básicas da universidade para que sejam proporcionados serviços à comunidade, como cursos ministrados, para prover as pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar cursos superiores um “chuvisco cultural”, o que mostra a importância do discente de participar dessas atividades. Ao passo que, conforme Rays (2003), a Pesquisa tem o objetivo de ser uma atividade progressiva de propagação de conhecimento nos meios acadêmicos.

É visível, portanto, que o papel das Universidades Federais do País no que tange aos cursos noturnos não pode ser definido como uma “universidade multifuncional” que abrange, segundo Fernandes (2020), uma formação que inclua pesquisa científica e tecnológica de um nível considerável, além de buscar estratégias de ensino que preparem o aluno como um investigador. Além disso, a extensão universitária também faz parte da formação multifuncional do aluno, uma vez que busca construir “um processo que vai até a sociedade, aos diversos segmentos sociais, a fim estender o produto do ensino e o produto da pesquisa gerado no âmbito acadêmico” (RAYS, 2003, p. 2). Todavia, é questionável se os cursos noturnos das Universidades Federais foram deixados de lado, possivelmente até mesmo pelo programa REUNI. Assim sendo existe um problema a ser investigado, se esses alunos estão participando das atividades acadêmicas e tendo acesso a elas em sua plenitude. Os fatos aqui estudados, portanto, direcionam-se ao seguinte questionamento: **Quais são as condições de inclusão de estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes de cursos noturnos nas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão necessárias para formação multifuncional no Ensino Superior?**

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral: Analisar as condições de acesso de estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes de cursos noturnos em atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão para terem uma formação multifuncional no Ensino Superior. Para alcançar esse objetivo, foram traçados os seguintes específicos: (a) identificar a frequência de participação do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante nas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão dos cursos noturnos; (b) avaliar as condições de oferta de atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão para estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes; e (c) verificar as condições desses alunos em participar das atividades acadêmicas ofertadas.

A relevância do presente estudo advém dos resultados dos dados coletados do Censo da Educação Superior de 2018. É notável destacar que nas Universidades Federais, Estaduais e Municipais, as matrículas realizadas nos cursos noturnos no período de 2008 a 2018 foram de 31%, 42% e 69% respectivamente e nas Universidades Privadas as matrículas feitas em cursos noturnos foram de 68% no período de 2008 a 2018 (INEP, 2019). Há, portanto, um grande contraste entre a quantidade de matrículas realizadas em instituições privadas e públicas em cursos noturnos no país, mesmo com a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, instituído pelo Decreto nº 6.096 em 24 de abril de 2007, ou seja, mesmo com a ampliação dos cursos noturnos nas universidades públicas, há ainda uma grande busca por instituições privadas.

Nota-se que embora os cursos noturnos tenham sido ampliados não houve alteração na proporção, ainda existe uma lacuna teórica, que não foca no público desses cursos e nas suas especificidades. Nos portais de dados como SCIELO e CAPES existem estudos concentrados em um único curso (MARANHÃO; VERAS, 2017), curso noturno como estratégia de acesso para o estudante-trabalhador (BITTAR; ALMEIDA; VELOSO, 2008). Essas pesquisas, portanto, se concentram em tópicos específicos. Uma pesquisa com foco no perfil e nas

dificuldades do estudante dos cursos noturnos, dos problemas enfrentados por eles, como a participação acadêmica incompleta é necessária para aumentar o estudo sobre esse tema.

Ademais existe a necessidade de estudar a participação acadêmica do estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante dos cursos noturnos, tendo em vista que a formação universitária envolve atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão, por isso, a avaliação dos fatores que impactam, dificultam e contribuem para a participação dos discentes pode colaborar para entender como a formação acadêmica desses alunos está sendo impactada por suas rotinas de trabalho e estudo. Desta maneira, é necessário compreender como os alunos dos cursos noturnos das Universidades Federais participam das atividades de Pesquisa e Extensão, por conta dos horários de realização dessas atividades, ou se esses alunos são excluídos, e acabam tendo uma formação focada no Ensino.

Minha participação acadêmica, por exemplo, nas atividades de Pesquisa e Extensão durante a realização do meu curso de Tecnólogo em Gestão Pública no período noturno na Universidade Federal do Pampa foi quase inexistente, tendo em vista a necessidade de trabalhar nos horários de realização dessas atividades. O que vivenciei resultou em uma lacuna na minha formação acadêmica, pois a Pesquisa e a Extensão são importantes para o desenvolvimento crítico e intelectual do aluno tanto quanto a atividade de Ensino. O incômodo pessoal criou a motivação para a realização desse estudo na Universidade Federal do Pampa Campus Santana do Livramento para evidenciar os motivos da possível inexistência na participação acadêmica nas atividades de Pesquisa e Extensão dos estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes dos cursos noturnos, que ocorre não só na UNIPAMPA, mas é uma realidade de outras universidades federais do País.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico abaixo tem por objetivo esclarecer em primeiro lugar a origem do Ensino Superior Noturno nas Universidades Federais no Brasil, em segundo busca apresentar o perfil do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante e suas características como discentes, em terceiro será explicado sobre a indissociabilidade das atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão.

### **2.1 Ensino Superior noturno nas Universidades Federais no Brasil**

A origem do Ensino Superior noturno no Brasil possui um caminho árduo, sobretudo antes da obrigatoriedade efetiva na Constituição Federal de 1988. A criação de escolas noturnas voltadas para a educação básica inicia o caminho até o surgimento do Ensino Superior noturno. A primeira escola noturna de educação básica no Brasil foi criada em 1860 no Estado do Maranhão, tendo o objetivo de educar adultos. Logo depois da criação das escolas noturnas, a expansão foi realizada através das reformas, leis e reivindicações. A Lei 1.184 de 1909, por exemplo, possibilitou a abertura de 50 escolas noturnas no Estado de São Paulo. A Reforma do Ensino no Distrito Federal em 1928 criou os denominados Cursos Populares Noturnos. Por fim, em 1950, se instalou ginásios noturnos em São Paulo, fruto de pressões populares para a abertura de escola secundária e superior (ALMEIDA, 1998; PAIVA, 2003; FURLANI, 1998). Assim, durante o período de 1860 até 1950 foi-se expandindo as escolas noturnas voltadas para a formação de educação básica de adultos no País, mesmo com obstáculos para que se mantivessem abertas (PAIVA, 2003; TERRIBILI FILHO; NERY, 2007).

Esses exemplos mostram que a origem do Ensino Superior noturno sempre esteve atrelada às reivindicações. No início dos anos 1960, de fato, ocorre o surgimento das faculdades noturnas, como destaca Furlani (1998, p.21) o surgimento foi resultado das “lutas dos

estudantes excedentes por vagas nas escolas públicas e privadas corresponde à abertura de faculdades no período noturno, a maioria instituições particulares”, ou seja, ainda não existiam cursos noturnos de formação superior nas instituições públicas. A partir dos anos 1970 e 1980 foram expandidas as escolas públicas que ofertavam somente o ensino médio, sendo que nos mesmos anos foram criados cursos no período noturno em instituições públicas de Ensino Superior, ofertados somente por pressões populares com o foco de democratizar a educação superior (SAMPAIO, 2000; TERRIBILI FILHO; NERY, 2007).

No que se refere à obrigatoriedade do ensino público noturno a partir de leis no Brasil, um marco foi à inclusão do inciso VI do Artigo 208 da Constituição Federal de 1988, que estabeleceu a “oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando” (BRASIL, 1988). Um ano após a base legal nacional, destaca-se o dever das universidades estaduais no Art. 253 da Constituição Paulista de 1989, que busca “a ampliação do número de vagas oferecidas no ensino público diurno e noturno, respeitadas as condições para a manutenção da qualidade de ensino e do desenvolvimento da pesquisa” (SÃO PAULO, 1989, Art. 253).

Ademais, as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, enfatiza obrigatoriedade das instituições públicas para a oferta de vagas no período noturno, conforme o Art. 47 destaca:

As instituições de educação superior oferecerão, no período noturno, cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno, sendo obrigatória a oferta noturna nas instituições públicas, garantida a necessária previsão orçamentária (BRASIL, 1988, Art 47. § 4).

Em virtude do conjunto de anos passados após a obrigatoriedade dos cursos noturnos nas universidades federais públicas, sentiu-se a necessidade da criação da expansão de novas vagas a fim de ampliar o acesso de estudantes no Ensino Superior no País. É de salientar, portanto, a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) no Governo Lula, pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. O objetivo do programa REUNI, que engloba o período diurno e noturno era a possibilidade de “criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação (...)” (REUNI, 2007, p. 7). Ainda que a ampliação das vagas nos cursos noturnos das instituições públicas federais tenha dito destaque no programa, não se pode afirmar que os resultados do REUNI em relação à oferta de vagas nos cursos noturnos tiveram êxito.

Tal afirmação confirma-se a partir da divulgação dos dados do Censo da Educação Superior 2018, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), feito dez anos após a implantação do Programa REUNI. Os dados do Censo de 2018 mostram que as matrículas nos cursos presenciais do período noturno nas Universidades Federais mantiveram a proporção de menos de 31% das vagas ofertadas em nível federal, ao passo que as matrículas nos cursos presenciais do período noturno nas instituições privadas equivalem a 68% das vagas ofertadas. Nota-se que os resultados do Censo da Educação Superior não estão em conformidade com o objetivo do REUNI, pois o programa não obteve êxito na expansão da oferta de vagas nos cursos noturnos tendo em vista que grande parte dos estudantes ainda frequentam universidades privadas (INEP, 2019).

Em suma, os cursos noturnos nas universidades públicas no Brasil precisam continuar a percorrer o caminho árduo, pois são esquecidos e negligenciados desde o seu surgimento, até mesmo pelo programa REUNI que tinha o objetivo de ampliar o acesso aos brasileiros no Ensino Superior. Pode-se concluir, portanto, que a trajetória dos cursos noturnos necessita de muitas conquistas no âmbito das universidades públicas. Conforme constata Paula de Costa e Vargas (2012, p.21) “o sistema de educação superior federal brasileiro está estruturado para

contemplar o estudante em tempo integral e não aquele que compõe o seu maior contingente: o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante”. Esses perfis de alunos serão focos no próximo tópico, pois compõem a maior parte do público dos cursos noturnos nas instituições públicas e privadas. Assim será possível uma reflexão sobre a negligência por parte do Estado no que tange a oferta de cursos e vagas no Ensino Superior noturno no Brasil, o que traz o questionamento sobre o possível desinteresse em ampliar cursos no único período disponível de estudo para o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante.

## **2.2 O perfil do estudante-trabalhador e trabalhador-estudante dos cursos noturnos**

A caracterização do perfil dos estudantes que frequentam os cursos noturnos nas universidades federais irá possibilitar a compreensão das rotinas de trabalho e estudo enfrentadas por esses discentes. Para Furlani (1998), o público que adentra os cursos noturnos em sua maioria é caracterizado como estudante-trabalhador e trabalhador-estudante. Esses apresentam características distintas, tendo em vista, que realizam tarefas diferentes nas suas vidas de estudo e trabalho integral ou parcial.

Assim sendo, o estudante-trabalhador pode ser caracterizado por Forachi (1965) apud Romanelli (1994) como o discente que trabalha, mas também recebe ajuda financeira da família. Esse aluno exerce atividade remunerada, mas não é necessariamente em tempo integral, tendo em vista que tem o apoio familiar. Logo se pode destacar que o estudante-trabalhador para Furlani (1998, p. 45) “não teria grande envolvimento com seu emprego ou atividade, pois o seu futuro profissional seria planejado a partir da qualificação obtida na universidade”. Em um contexto mais atual, Terribili Filho (2007) também fortalece essa ideia do estudante-trabalhador dispor do trabalho como atividade secundária, porém o coloca em categorias como: menor aprendiz, estagiário ou trabalhador com vínculo empregatício. Diante desses fatos é possível notar que a formação acadêmica para o estudante-trabalhador é prioritária, portanto, o estudo classifica-se como atividade primária e o trabalho como atividade secundária.

Em contrapartida, o trabalhador-estudante pode ser caracterizado por aquele que exerce trabalho integral para contribuir inteiramente na renda familiar. Segundo constata Furlani (1998) o trabalhador em tempo integral não recebe ajuda financeira para os estudos, assim deve exercer atividade profissional para seu sustento próprio e muitas vezes para seus familiares. Uma vez que a atividade profissional se classifica como atividade primária para o trabalhador-estudante, pela necessidade da remuneração para sustentar-se, existe a problemática do lugar em que o estudo ocupa na vida desse discente. Tendo em vista a jornada de trabalho realizada em tempo integral pelo trabalhador-estudante, Foracchi (1977) salienta que o trabalhador tem uma visão do curso como importância acessória, pois a jornada de trabalho absorve todas suas energias.

Nota-se, portanto, que o discente que trabalha em tempo integral não consegue conceder a atenção necessária para as atividades acadêmicas que devem ser realizadas, ou seja, o estudo é visto como atividade secundária. O que traz a reflexão sobre a relação do trabalhador-estudante com a sua formação no Ensino Superior, tendo em vista o que Furlani (1998, p. 41) destaca sobre o desejo de “melhoria profissional e financeira” em seu futuro. É notório que certas dificuldades são enfrentadas pelo trabalhador-estudante no tempo e atenção investido no ato de estudar. Ademais, o trabalhador-estudante, de acordo com Terribili Filho (2007), é regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), mas ainda que esses trabalhadores possuam direitos e deveres garantidos pela lei, não existe nenhuma concessão especial por serem estudantes. Assim, a busca pela obtenção do diploma no Ensino Superior apresenta obstáculos para esse público, até mesmo pela lei. O objetivo de aprimorar a qualificação profissional e desenvolver conhecimento através do Ensino Superior, portanto, mostra-se difícil para o trabalhador-estudante.

Tendo apresentado o perfil do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante, Sampaio, Limongi e Torres (2000) mostram um contraste entre os dois perfis de alunos. Para os autores existe uma distinção entre o discente que deve exercer atividades profissionais em concomitância com as atividades acadêmicas e o discente que tem um emprego ou exerce uma atividade remunerada, mas que não depende inteiramente de tal função e assim pode dedicar-se mais inteiramente na sua formação acadêmica. Por outras palavras, o trabalhador-estudante que escolhe, mas também necessita realizar essas duas atividades precisa empregar um esforço extra para realizá-las. Como por exemplo, as atividades acadêmicas, com cargas de leituras extensas em alguns cursos, trabalhos que exigem dedicação, provas, etc. põem em evidência o que salienta Freire (1981, p.8) que “estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.” Dessa forma, o trabalhador-estudante, assim como o estudante-trabalhador precisam esforçar-se mais do que os discentes que não necessitam trabalhar e possuem tempo livre para realizar as atividades acadêmicas em sua plenitude. Furlani (1998, p. 59) aponta que “as instituições universitárias ocupam lugar fundamental na produção do conhecimento e na busca de soluções para as grandes maiorias, contribuindo para a dimensão da equidade”.

No que se refere ao período no qual os estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes se deslocam para as aulas, tendo em vista a demanda de trabalho parcial ou integral dos mesmos, a maioria opta pelo período noturno. Apesar do Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) não possuir dados sobre os perfis dos alunos que frequentam cursos de graduação presencial por turno, existem pesquisas que apontam que grande parte do público dos cursos noturnos exerce função remunerada. Por exemplo, pesquisas realizadas em duas instituições privadas em cursos noturnos na cidade de São Paulo com 166 alunos apontaram que 91% dos respondentes eram trabalhadores (TERRIBILI FILHO; RAPHAEL, 2005). Assim como a pesquisa realizada sobre o perfil do novo aluno dos cursos noturnos da Universidade Federal da Bahia mostra que entre 2009 e 2013, dentre os 10.733 aprovados, existe um percentual de 52,5% de estudantes que trabalham (MARANHÃO, 2015; SANTANA, 2013). Em suma, a relação desses dados apresentados e os perfis do estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante mostram que os cursos noturnos são, possivelmente, a única opção disponível para esse público específico que enfrenta dupla jornada. Considerando essas informações, essa pesquisa levanta a primeira hipótese.

*Hipótese 1: Os estudantes-trabalhadores e os trabalhadores-estudantes de cursos noturnos não têm condições de participar de atividades acadêmicas fora de sala de aula.*

As características do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante são distintas em alguns pontos e semelhantes em outros, como por exemplo, a dupla jornada de trabalho e estudo enfrentadas por eles, que exige dedicação, disciplina e persistência extras para cumprir as tarefas solicitadas. Assim, as instituições públicas que recebem esses alunos nos cursos noturnos, com demandas diferentes em relação ao estudante de tempo integral, que para Furlani (1998, p. 41) “é mantido totalmente pela família, podendo dedicar-se somente ao estudo, seja ele cursado no período diurno, integral ou noturno” devem buscar cumprir o que consta no inciso VI do Artigo 208 da Constituição Federal de 1988: a oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando” (BRASIL, 1988). Ou seja, as universidades públicas precisam ter em vista as diferenças de condições vivenciadas pelos alunos dos cursos noturnos, assim os mesmos poderão ter possibilidades de desenvolvimento social, econômico e intelectual através da educação no Ensino Superior. Ribeiro (1969, p. 219) afirma que “a educação tem um papel tão importante no desenvolvimento econômico que seu adequado cultivo pela Universidade constitui requisito indispensável ao progresso nacional.” Em suma,

o papel da universidade no desenvolvimento acadêmico e profissional dos estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes é indispensável, pois através da educação haverá progresso no País. Ademais, a expansão dos cursos noturnos nas universidades públicas é necessária para receber cada vez mais o público com disponibilidade de horário livre somente no período noturno para dedicar-se aos estudos.

### **2.3 A indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão**

É importante compreender como ocorre a participação dos alunos nas atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão. De acordo com Fernandes (2020), as universidades públicas valorizam a atividade acadêmica de Pesquisa a fim de que todos os discentes em formação possam ter uma aprendizagem e treinamento que os possibilite de ter uma carreira de investigadores no futuro. Por outro lado, Nogueira (2000) constata que a Extensão universitária é uma articuladora das atividades acadêmicas de Ensino e Pesquisa com as demandas da sociedade, o que mostra a sua relevância na formação acadêmica dos alunos.

A universidade multifuncional articula Ensino, Pesquisa e Extensão, diferente da universidade unifuncional que está focada predominantemente nas atividades de Ensino. No Brasil, a universidade pública surgiu por meio da reunião de faculdades isoladas que tinham características unifuncionais. Além disso, a origem estava voltada para formação das elites, sendo que grande parte população era excluída, uma vez que não conseguiam arcar com os elevados custos para a formação em um curso superior. Com as reformas históricas do Ensino Superior houve um direcionamento da universidade para formação multifuncional. No que Fernandes (2020, p.127) denomina como “universidade integrada e multifuncional”, ou seja, integrando atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

As características da universidade integrada e multifuncional consistem em atividades que colaboram para o desenvolvimento do universitário e da tecnologia. Por exemplo, existem cursos especializados direcionados para os alunos e a oportunidade de realização de uma pós-graduação (NEVES, 2003; DURHAM, 1993). Segundo Fernandes (2020) a universidade integrada e multifuncional tem por objetivo uma educação direcionada a ciência e tecnologia científica, reformulando na população exposta a ela “uma inteligência inquieta, ativa e responsável [...] um impulso irredutível a democratização de si mesma, da cultura e da sociedade.” (FERNANDES, 2020, p. 113). Uma universidade com essas características “responde, estrutural e dinamicamente, as exigências do desenvolvimento, porque ela se insere na sociedade como um núcleo vital de sua expansão interna”, assim como possui “a missão de produzir conhecimentos científicos e tecnológicos de forma independente” (FERNANDES, 2020, p. 147 e 148).

Fernandes (2020, p. 97) observa que o funcionamento de uma instituição unifuncional, caracteriza-se por ser “uma escola altamente hierarquizada, rígida e exclusivista (...) uma escola de transmissão dogmática de conhecimentos nas áreas do saber técnico-profissional”. Ou seja, ainda que o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante possam ter a possibilidade de formação no nível superior no século XXI, Terribili Filho e Nery (2007, p. 76) afirmam que “raramente o estudante do ensino superior noturno pode participar de atividades de pesquisa e extensão, pois não tem tempo disponível para isto”. Por certo o estudante que vivencia a universidade multifuncional e integrada tem a vantagem de ter sua formação acadêmica completa, Fernandes (1975) apud Costa (2018) salienta as características, que de fato, uma instituição de Ensino Superior necessita para ser considerada íntegra:

A universidade de uma sociedade baseada na ciência e tecnologia deve ser multifuncional, cumprindo as seguintes missões: (a) cultural, voltada para a preservação do saber; (b) investigadora, direcionada para o incremento e progresso do saber; (c) técnico-profissional, voltada para formação de

profissionais de nível superior necessários para a sociedade; (d) social, já que a universidade deve manter-se a serviço da sociedade (COSTA, 2018, p. 49).

Nota-se, portanto, que a universidade multifuncional tem por objetivo o cumprimento das atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão para formação do aluno. No entanto, embora esteja disponível para o aluno que dispõem de tempo para participar das atividades desenvolvidas, é notável que o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante acabam sendo negligenciados, por conta do pouco tempo livre para participar das atividades acadêmicas. De fato, para esse perfil de estudantes, é provável que a universidade continue sendo unifuncional, com foco somente em aulas expositivas, que podem resultar no empobrecimento do desenvolvimento intelectual, crítico e participativo dos alunos dos cursos noturnos.

Ademais, essas atividades são fundamentais para a formação do discente no Ensino Superior, como consta no Artigo 207 da Constituição de 1988, do dever das Universidades Públicas de obedecer ao princípio de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão (BRASIL, 1988). O conceito de indissociabilidade apresentado por Tauchen (2009, p. 93) “remete a algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia”. Assim, uma atividade acadêmica não pode ser executada sem que a outra também seja, o que traz o questionamento sobre a lacuna na formação acadêmica do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante, pois como ressaltado acima não dispõem de tempo para participar dessas atividades.

É importante destacar que a atividade de Ensino de acordo com Rays (2003, p.4) tem a função de desenvolver o pensamento do discente, assim como os docentes devem “selecionar procedimentos didáticos que promovam o aprendizado crítico de conteúdos, habilidades, hábitos e valores”. Além disso, o Ministério da Educação ressalta que a frequência mínima exigida dos discentes é de 75% das aulas e atividades programadas, ou seja, o aluno precisa da frequência na atividade acadêmica de Ensino para ser aprovado nas disciplinas. Como se pode ver, o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante são praticamente “forçados” a participarem das atividades de Ensino (BRASIL, 2018).

Como por exemplo, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), *locus* do presente estudo, pode ser observado no Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública que as atividades complementares de graduação (ACGs) Ensino, Pesquisa, Extensão, Culturais, Artísticas, Sociais e de Gestão não correspondem nem a 2,6% do total da carga horária exigida pelo curso que é de 1770 horas (UNIPAMPA, 2019). No entanto, as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira estabelece no Art. 4 da Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 que as atividades de Extensão devem compor, no mínimo, 10% do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, o que traz a obrigatoriedade da realização de atividades de Extensão pelos estudantes do período noturno (BRASIL, 2018).

Conforme ressalta Fernandes (2020), a pesquisa pode ser vista como uma técnica educativa ou como meio de acumular saber para o discente, sua expansão colabora para que o aluno desenvolva “um horizonte intelectual crítico, dirigido para a análise da sociedade brasileira” (FERNANDES, 2020, p. 101). Luckesi (2012, p. 39) ressalta que “uma universidade sem pesquisa não deve, rigorosamente, ser chamada de universidade”. Por certo a pesquisa está presente na universidade considerada multifuncional e integrada, Durham (1998) constata que o desenvolvimento da pesquisa e a pós-graduação nas universidades federais e estaduais contam com a dedicação de professores, além de a pesquisa contribuir para o desenvolvimento do País:

O potencial que as universidades possuem para contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento autossustentável nacional e regional, através da pesquisa, precisa ser amplamente utilizado e divulgado, de forma que sua relevância seja socialmente reconhecida e valorizada (DURHAM, 1996, p. 29).

Leher (2007, p.11) aponta que os recursos disponibilizados para a atividade de Pesquisa ajudam para consolidação de “uma missão modernizadora frente ao suposto arcaísmo das universidades públicas”. Outro aspecto levantado pelo autor é que os centros de pesquisas nas universidades estão centrados em áreas como energia, telecomunicações e saúde (LEHER, 2007). Durham (1996) afirma que as atividades de pesquisa auxiliam para o desenvolvimento tecnológico, além de que “todos os países desenvolvidos têm financiado a pesquisa em função desta relação que interessa não só ao setor produtivo, como à sociedade como um todo” (DURHAM, 1998, p. 28). A pesquisa no Ensino Superior é essencial para a formação acadêmica dos alunos e para a contribuição na sociedade em geral, essas características são únicas de uma universidade multifuncional e integrada, que busca a expansão da pesquisa científica e tecnológica (FERNANDES, 2020).

Ribeiro (1986) relata que o foco da pesquisa científica não é a elaboração da dissertação, da tese, do artigo ou do livro para o docente, mas sim a preparação do docente para utilizar o método científico. Essa reflexão mostra que o estudante é beneficiado por ser auxiliado por um docente que saiba como conduzir atividades de Pesquisa acadêmica. Durham (1998) aponta que no Brasil grande parte dos estudantes acabam sendo excluídos das atividades de Pesquisa, pois “são altamente seletivas e privilegiam candidatos com vocação acadêmica, os quais constituem uma minoria da população que hoje demanda formação de nível superior” (DURHAM, 1996, p. 13). Nota-se que a Pesquisa está presente nas universidades do País, com foco no desenvolvimento dos discentes e docentes e contribui para a sociedade. Entretanto, os estudantes dos cursos noturnos encontram dificuldades de participar dos grupos de Pesquisa, pois são realizados no período diurno, o que impede o estudante “de produzir um novo padrão intelectual de desenvolvimento educacional autônomo” (FERNANDES, 2020, p. 148).

Além da atividade de Pesquisa, a atividade de Extensão é importante para a formação acadêmica dos alunos. Como destaca Ribeiro (1969) uma das funções da universidade é disponibilizar serviços e cursos para comunidade, de modo que todos possam acompanhar e tirar algum proveito através da atividade de Extensão. Para Nogueira (2000, p. 118), a atividade de Extensão colabora para “produção e socialização do conhecimento, visando à intervenção, na realidade, possibilita acordos e ações coletivas entre Universidade e população”. É necessário destacar que o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), criado em 1987, tinha como objetivo definir políticas acadêmicas de Extensão em colaboração com o Ministério da Educação (MEC). De acordo com o fórum, a indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão colaboram na formação do discente para que a graduação não seja somente transmissão de conhecimento através da atividade de Ensino. Ou seja, pode-se reafirmar que a participação nas atividades de Extensão contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e participativo do estudante (FORPROEX, 2006).

A formação dos estudantes deve ser voltada para o desenvolvimento indissociado de atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão, ou seja, da universidade multifuncional (FERNANDES, 2020). Essa característica na formação do aluno é central para o rompimento do que Fernandes (2020, p. 96) denominou “padrão brasileiro de escola superior”, ou seja, uma universidade unifuncional, focada em atividades de ensino, dogmática, voltada para formação de burocratas e profissionais liberais, especializada e isolada da sociedade (FERNANDES, 2020). Assim, levanta-se a segunda hipótese.

*Hipótese 2: A Universidade não oferta condições para estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes terem acesso a atividades acadêmicas fora de sala de aula.*

Em suma, é importante refletir sobre o tipo de formação oferecido pela universidade pública para os estudantes dos cursos noturnos. A universidade pública tem sido

tradicionalmente o lugar de desenvolvimento de atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, no entanto é necessário refletir se as atividades estão sendo ofertadas para todos os cursos. Em estudo recente na Universidade Federal da Bahia, Maranhão, (2015) constatou que os estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes dos cursos noturnos, por conta de suas rotinas de trabalho e pouco tempo disponível para atividades acadêmicas, não participam de atividades de Pesquisa e Extensão. Com base nesses resultados, é importante entender as políticas acadêmicas desenvolvidas pelas universidades para os alunos dos cursos. Como os autores citados enfatizam as atividades acadêmicas de Pesquisa e Extensão colaboram para que o universitário se desenvolva como aluno, pesquisador e investigador. Assim como a indissociabilidade de Ensino, Pesquisa e Extensão colabora para o desenvolvimento do estudante para uma formação autêntica, com o pensamento questionador e crítico, praticante de um estudo ativo e responsável, durante sua formação no curso de Ensino Superior e para a sua jornada na sociedade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi de natureza aplicada, com abordagem da pesquisa qualitativa tendo em vista que o estudo qualitativo “desenvolve-se numa situação natural, oferecendo riqueza de dados descritivos, bem como focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada” (LAKATOS, 2017, p. 302).

Quanto ao objetivo, o presente estudo é classificado como descritivo. A pesquisa descritiva “envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento” (SILVA; MENEZES, 2000, p. 21). O delineamento da pesquisa classifica-se como Levantamento (*Survey*), uma das características da pesquisa *survey* é a possibilidade “de compreensão com o menor número de variáveis possíveis” (BABBIE, 1999, p. 2). A pesquisa teve um corte transversal, ou seja, a coleta de dados ocorreu em um determinado momento com o foco de analisar o comportamento das variáveis (SAMPIERI et al., 2006).

Foram utilizadas duas técnicas de coleta de dados, o questionário e o grupo focal. A primeira técnica foi o questionário, Malhotra (2019, p. 259) constata que essa técnica “é um conjunto formal de perguntas cujo objetivo é obter informações dos entrevistados”. Assim sendo, foram formuladas perguntas estruturadas com o apoio da Escala *Likert* de cinco graus de concordância, sendo aplicada na amostra foco do estudo pelo aplicativo *Google Forms*. O questionário foi dividido em quatro blocos: o primeiro sobre perfil do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante com 7 questões; o segundo sobre frequência da participação multifuncional com 1 questão; o terceiro sobre perfil da formação multifuncional com 12 questões; e o quarto sobre perfil socioeconômico com 8 questões. O mesmo se encontra no Apêndice A.

No que se refere ao universo populacional da *survey*, a população escolhida para o presente estudo é formada por 600 discentes dos cursos noturnos de graduação presencial do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), sendo composta por 194 alunos regulares matriculados em Ciências Econômicas, 170 alunos regulares do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública e 236 alunos regulares de Administração do período noturno. A partir dessa população, por meio de amostragem probabilística simples, aplicou-se o cálculo amostral para população finita com nível de confiança de 95% e margem de erro (erro amostral) de 5%, chegando à amostra de 234 elementos. Ao fazer a estratificação por curso, o percentual amostral dos subgrupos foi de 32,3% (76 elementos) do Curso de Ciências Econômicas, 28,3% (66 elementos) do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública e 39,3% (92 elementos) do Curso de Administração do período noturno. No fim, a

pesquisa contou com a participação de 282 discentes respondentes. Todavia, apenas 259 foram considerados nas análises, por se configurarem no público-alvo da pesquisa, ou seja, estudantes que trabalham ou estagiam. Considerando a amostra respondente estratificada, foram 100 alunos do Curso de Administração, 87 de Ciências Econômicas e 72 de Gestão Pública.

A segunda técnica foi o grupo focal para complementar qualitativamente as informações coletadas de forma objetiva pelo questionário. Segundo Silva (2011, p.327) “o *focus group* propicia riqueza e flexibilidade na coleta de dados, em geral, não disponíveis quando se aplica um instrumento individualmente, além do ganho em espontaneidade pela interação entre os participantes”. A utilização do grupo focal enriqueceu os dados coletados. O roteiro dele foi formado por perguntas semiestruturadas e encontra-se no Apêndice B. O grupo focal foi aplicado em uma reunião do serviço de comunicação por vídeo, *Google Meet*, com sete estudantes selecionados a partir dos resultados da *survey* que se disponibilizaram a participar dessa segunda etapa da pesquisa.

No que se refere aos participantes do grupo focal, os estudantes têm idades que variam entre 21 e 43 anos, sendo 2 homens e 4 mulheres. Tendo em vista que os alunos são dos cursos de Administração, Economia e Gestão Pública, o grupo focal contou com a participação de 2 alunos do curso de Administração, 1 aluna de Economia e 4 de Gestão Pública. Já os semestres em que estão locados variam entre 6° e 8° e suas ocupações estão equilibradas, uma vez que 2 participantes são estagiários, 2 são trabalhadores efetivos, 2 servidores públicos e 1 autônomo. Demais informações dos participantes encontram-se no quadro 1.

**Quadro 1 – Caracterização dos Participantes do Grupo Focal**

Participantes	Gênero	Idade	Curso	Semestre	Ocupação
Trabalhadora-Estudante 21	Feminino	21	Gestão Pública	6° Semestre	Estágio
Trabalhadora-Estudante 22	Feminino	22	Administração Noturno	8° Semestre	Trabalho Efetivo
Trabalhadora-Estudante 23	Feminino	23	Administração Noturno	5° Semestre	Trabalho Efetivo
Trabalhador-Estudante 26	Masculino	26	Gestão Pública	6° Semestre	Servidor Público
Trabalhadora-Estudante 27	Feminino	27	Ciências Econômicas	8° Semestre	Autônoma
Estudante-Trabalhadora 30	Feminino	30	Gestão Pública	6° Semestre	Cuidadora
Trabalhador-Estudante 43	Masculino	43	Gestão Pública	6° Semestre	Servidor Público

Fonte: elaborado pela autora.

Para realizar as análises, foram utilizadas duas técnicas de análise de dados. Para os dados coletados na amostra da população escolhida dos estudantes-trabalhadores e os trabalhadores-estudantes do questionário estruturado foi usada estatística descritiva. A segunda técnica para analisar os dados coletados no grupo focal foi análise interpretativa. Segundo Gil (2019), esse tipo de análise ocorre a partir da ligação entre a convergência dos significados advindos das falas e os conhecimentos teóricos, isto é, relacionando os dados da pesquisa empírica com resultados obtidos de pesquisas já existentes. O uso dessas duas técnicas, portanto, possibilita uma análise consistente dos dados coletados.

#### **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

As análises desse estudo serão realizadas a partir dos seguintes eixos analíticos do questionário: inicialmente irá se falar sobre o perfil socioeconômico dos alunos dos cursos noturnos. Em segundo, as análises serão sobre as características dos perfis dos estudantes que trabalham.

Depois, apresentar-se-á o tópico da formação multifuncional dos alunos com relação às atividades acadêmicas e sua frequência. Por último, analise-se as características da formação multifuncional disponibilizadas na UNIPAMPA.

#### 4.1 Perfil socioeconômico dos alunos

A seguir serão apresentadas as análises em relação ao perfil socioeconômico dos alunos dos cursos noturnos, foram realizadas oito questões dispostas no quadro 2 e no quadro 3 sobre o perfil, para que se pudesse ter uma maior clareza ao realizar as análises.

**Quadro 2 – Perfil Socioeconômico 1**

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual válido
<b>21. Sou responsável pela renda familiar:</b>	Sim	108	41,7%
	Não	151	<b>58,3%</b>
<b>22. Quantos salários mínimos é a sua renda familiar:</b>	1 a 3	188	<b>72,6%</b>
	3 a 5	49	19%
	5 a 10	17	6,6%
	acima de 10	5	1,9%
<b>23. Sou contemplado por um programa de assistência estudantil na Universidade:</b>	Sim	14	5,4%
	Não	245	<b>94,6%</b>
<b>24. Meio de transporte para se locomover para a Universidade:</b>	Ônibus	68	25,9%
	Carro	97	<b>36,3%</b>
	Moto	37	14,3%
	Bicicleta	1	0,4%
	Pedestre	55	20,8%
	Carona/Táxi	2	0,8%

Fonte: elaborado pela autora.

No que se refere a questão 21 da escala, observou-se que existe um equilíbrio entre os alunos serem responsáveis ou não pela renda familiar. Já em relação a questão 22 sobre a renda familiar dos alunos, a associação entre salários mínimos de “1 a 3” e “3 a 5” apresentou um resultado elevado de 91,6%. Ademais, a questão 23 sobre os alunos serem contemplados por um programa de assistência estudantil da UNIPAMPA, a grande maioria das respostas foram negativas. O que ressalta a ideia de Furlani (1998) sobre as semelhanças entre as características dos alunos do noturno, pois com uma renda familiar pouco elevada e sem participar de um programa de assistência estudantil, necessitam trabalhar para ajudar nas despesas familiares.

Em relação a questão 24 sobre os meios de locomoção utilizados pelos alunos, a utilização de meios de transporte como ônibus, carro e moto apresentou um índice de 76,5% em contrapartida com os alunos que deslocam para a Universidade caminhando. Nota-se, portanto, que com a dupla jornada de trabalho e estudo os alunos dispõem de pouco tempo entre o fim do expediente de trabalho e o começo das aulas no período da noite, assim necessitam de um meio de transporte mais veloz para se deslocar para a Universidade. O quadro 2 apresenta os resultados obtidos em relação ao perfil socioeconômico.

Nas questões 25 e 26, variáveis que questionam sobre onde os alunos cursaram o Ensino Fundamental e Médio, foram obtidos resultados muito semelhantes sobre os alunos de o noturno terem cursado o Ensino Fundamental e Médio em escola pública (respectivamente, 91,9% e 90,3%). Ademais, a grande maioria dos respondentes da amostra foi do gênero feminino e por último a faixa etária dos alunos que obteve mais respostas está entre 19 a 21 anos e 22 a 25 anos, com um índice de 56,3%. Os resultados obtidos em relação ao quadro 3 estão dispostos abaixo.

**Quadro 3 – Perfil Socioeconômico 2**

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual válido
<b>25. Cursei Ensino Fundamental em:</b>	Escola Pública	238	91,9%
	Escola Privada	11	4,2%
	Escola Pública/Privada	10	3,9%
<b>26. Cursei Ensino Médio em:</b>	Escola Pública	234	90,3%
	Escola Privada	22	8,5%
	Escola Pública/Privada	3	1,2%
<b>27. Gênero</b>	Feminino	173	66,8%
	Masculino	85	32,8%
	Não binário	0	0%
	Mulher Trans	0	0%
	Homem Trans	1	0,4%
<b>28. Faixa etária</b>	Até 18 anos	3	1,2%
	De 19 a 21 anos	70	27%
	De 22 a 25 anos	76	29,3%
	De 26 a 30 anos	58	22,4%
	De 31 a 40 anos	36	13,9%
	Mais de 40 anos	16	6,2%

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.2 Perfil dos alunos como trabalhador-estudante ou estudante-trabalhador

As análises a seguir têm o foco no perfil dos alunos dos cursos noturnos, como trabalhadores-estudantes e estudantes-trabalhadores. As características do trabalhador-estudante e do estudante-trabalhador são distintas em certos pontos e semelhantes em outros, conforme os conceitos apresentados por Furlani (1998).

Para entender o perfil do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante foram realizadas cinco questões sobre escolha do curso, trabalho e auxílio na renda familiar. Os resultados dessa temática constam nas cinco questões do quadro 4 a seguir.

**Quadro 4 – Perfil do Trabalhador-Estudante ou Estudante-Trabalhador**

Questão	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
3. Minha escolha foi influenciada pela oferta (Administração, Economia e Gestão Pública) do curso no período noturno.	3,5%	2,7%	8,9%	41,3%	<b>43,6%</b>
4. Escolhi um curso noturno porque já trabalhava durante o dia.	6,2%	7,3%	6,2%	21,6%	<b>58,7%</b>
5. Trabalho/estagio meio período para que possa arcar com algumas das minhas despesas, mas sou sustentado principalmente pela minha família.	<b>35,9%</b>	27,4%	6,2%	16,2%	14,3%
6. Trabalho o período integral para manter o meu próprio sustento.	10%	14,7%	10,8%	23,6%	<b>40,9%</b>
7. Trabalho o período integral para me sustentar e para auxiliar as despesas domésticas da minha família.	8,1%	17%	8,9%	28,6%	<b>37,5%</b>

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à questão 3 da escala sobre a escolha do curso noturno, nota-se que os respondentes (84,9%) “concordam” ou “concordam totalmente” que escolheram o curso por ser no período noturno. Ou seja, antes mesmo de ingressar no Ensino Superior, a escolha desses alunos foi influenciada pela oferta do curso no período da noite.

Já na questão 4, os graus de concordância unidos somam 80,3% dos alunos que afirmam ter escolhido o curso no período noturno pelo fato de já trabalharem durante o dia. Além disso, também no grupo focal, quando questionados sobre o motivo pelo qual escolheram o curso noturno, todas as respostas foram porque trabalham durante o dia. Dessa forma, entende-se que os alunos dos cursos noturnos do Campus analisado possuem o perfil de trabalhador-estudante, como destacado por Furlani (1998), Sampaio, Limongi e Torres (2000).

Ademais, quando os alunos foram solicitados, na questão 5, para comentar se trabalham ou estagiam, mas ainda assim são sustentados pela família, os graus de discordância unidos somam 63,3%. Isso se destaca também na questão 6, quando os respondentes foram questionados se trabalham o período integral para manterem o próprio sustento, tendo as respostas “concordo” e “concordam totalmente” um resultado de 64,5%. Observa-se que os resultados inversos na escala dessas duas questões corroboram para o fato de que o perfil principal dos alunos investigados é de trabalhador-estudante, que se caracteriza, como sinalizado por Furlani (1998), por serem alunos que mantêm o próprio sustento.

Por fim, quanto a esse perfil, na questão 7, além dos alunos pesquisados se configurarem em trabalhadores-estudantes e bancarem o próprio sustento, quando questionados se auxiliam nas despesas domésticas, a maioria deles (66,1%) concordaram. Ou seja, além dos estudantes manterem o próprio sustento também ajudam na renda familiar.

### 4.3 Perfil da formação multifuncional dos alunos

A seguir serão apresentados as análises e resultados referentes ao perfil da formação multifuncional dos alunos dos cursos noturnos. Logo, as cinco questões que compõem o quadro 5 tem por foco questionar os alunos sobre a participação ou interesse de participar nas atividades acadêmicas disponíveis na UNIPAMPA como consta abaixo.

**Quadro 5 – Perfil da Formação Multifuncional**

Questão	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
11. Participo por vontade própria de atividades de Ensino (seminários, monitorias, visitas técnicas, cursos profissionalizantes, cursos de idiomas e informática, etc).	1,9%	15,8%	21,6%	<b>44%</b>	16,6%
12. Participo ou já participei em atividades de Pesquisa (bolsista de iniciação científica, apresentador de trabalhos científicos em congressos, ouvinte em bancas de TC, etc).	25,5%	<b>39,8%</b>	15,4%	15,1%	4,2%
13. Gostaria de participar de atividades de Pesquisa (bolsista de iniciação científica, apresentador de trabalhos científicos em congressos, ouvinte em bancas de TC, etc).	3,5%	9,7%	21,6%	<b>40,9%</b>	24,3%
14. Participo ou já participei de atividades de Extensão, que envolvem interagir com a comunidade (bolsista de extensão, estágios não obrigatórios, ministração de cursos, organização de eventos e campanhas, etc).	17%	<b>37,80%</b>	15,8%	18,9%	10,4%
15. Gostaria de participar de atividades de Extensão (bolsista de extensão, estágios não obrigatórios, ministração de cursos, organização de eventos e campanhas, etc).	3,5%	13,5%	18,5%	<b>39%</b>	25,5%

Fonte: elaborado pela autora.

Na questão 11 da escala, a afirmação sobre a participação por vontade própria de atividades de Ensino na Universidade, 60,6% dos respondentes apresentam um nível de concordância, todavia o grau de indiferença obteve um resultado expressivo de 21,6%. No grupo focal, buscou-se explorar mais sobre os motivos de participarem das atividades de Ensino. Percebeu-se que alguns dos alunos pesquisados somente participam das atividades de ensino da UNIPAMPA se forem obrigatórias. Assim, referente a esse grau de indiferença, a trabalhadora-estudante 27 relatou: “Eu via curso online, que era da minha área de interesse, eu ia fazendo... Essas oportunidades... Isso eu fiz bastante. Mas da UNIPAMPA, especificamente, eu fiz muito pouco.” Além disso, ficou claro também tal indiferença com base no comentário a seguir:

Eu consegui participar das semanas acadêmicas quando tinham atividades que eram noturno, porque aí a semana acadêmica tem atividades nos três turnos e as palestras magnas que tinha mais horas em peso no certificado eram de noite, então eu conseguia participar (TRABALHADORA-ESTUDANTE 22).

No que se refere à questão 12, quando os alunos foram indagados se já participaram de Pesquisa, as respostas de “discordo totalmente” e “discordo” unidas somam 65,7%. O que corrobora com a hipótese 1, de que os estudantes-trabalhadores e os trabalhadores-estudantes de cursos noturnos não têm condições de participar de atividades acadêmicas fora de sala de aula. Ademais, a trabalhadora-estudante 21 no grupo focal disse que fez “a pesquisa pra completar as horas, nada por querer, pega e desenvolver, não, foi tudo pelas horas mesmo”. E também podemos observar isso no grupo focal com base nos relatos da trabalhadora-estudante 22 e da única estudante-trabalhadora do grupo focal:

Consegui ir em um SIEPE, foi com o senhor que a gente fez um trabalho até... Eu e outros dois colegas. Aí meus colegas não conseguiram se liberar do trabalho pra ir apresentar, aí eu consegui com a empresa uma folga pra ir, mas foi o único trabalho de pesquisa também que eu consegui fazer (TRABALHADORA-ESTUDANTE 22).

Eu só procurei agora pesquisa, porque conforme a gente tá no último semestre tem menos disciplinas pra fazer né... E aí era muito puxado, eu tinha medo de me comprometer com um estudo de pesquisa e não conseguir dar conta né... E ficava feio também, o professor lá esperando que eu dê um resultado da pesquisa e coisa... E aí eu chego lá e digo: “Aí não consegui” (ESTUDANTE-TRABALHADORA 30).

Em relação à questão 13, quando os respondentes foram questionados se gostariam de participar de atividades de Pesquisa, os graus de concordância unidos somam 65,2%. Por certo, o nível de concordância nessa questão confirma a relevância da Pesquisa acadêmica uma vez que colabora para a formação multifuncional dos alunos, para consolidação das universidades públicas e para o desenvolvimento da sociedade como um todo, conforme destacam Durham (1996), Leher (2007) e Fernandes (2020). Além disso, é notável no grupo focal, a existência de grande interesse pela Pesquisa pela maioria dos relatos dos alunos pesquisados, entretanto nem todos os alunos do grupo focal tem interesse na Pesquisa, como pode ser corroborado com os relatos opostos a seguir:

Eu me despertei para pesquisa da UNIPAMPA agora no final do curso, quando eu comecei a fazer minha pesquisa de TCC, que eu comecei a aprofundar uma relação mais próxima com a minha orientadora e eu comecei a gostar bastante... Até eu sinto um pouco de dificuldade no TCC porque eu acabo abrindo muito, que eu quero pesquisar tudo, então foi agora que eu despertei pra essa pesquisa digamos mais acadêmica, mas no começo até metade... não... Foi bastante falta de interesse da minha

parte também, eu consigo visualizar isso porque eu não sei dizer quais [pesquisas] que o curso oferecia (TRABALHADORA-ESTUDANTE 27).

Eu, na verdade, nem procurava, nem me interessava em procurar pesquisa e extensão alguma coisa do tipo, porque eu sabia que... como o trabalhador-estudante 43 falou, pra nós servidores públicos fica mais fácil a questão do horário, não vai ser marcado pelo chefe, mas também tem uma coisa que se chama disciplina consciente que a gente tem que pelo menos zelar pelo trabalho que a gente tem. Então, por conta disso aí, eu nem arriscava assim, se não fosse nada do normal assim, eu nem arriscava pedir pra sair, por mais que se eu pedisse eu com certeza ia conseguir liberação, mas eu preferia não me interessar em procurar porque eu vejo que não tinha necessidade eu sair pra desenvolver esse tipo de atividade (TRABALHADOR-ESTUDANTE 26).

Passando para a afirmação 14, sobre a participação dos alunos em atividades de Extensão, 54,8% dos respondentes não participam de atividades acadêmicas de Extensão. Ainda que a realização dessas atividades seja obrigatória conforme o Art. 4 da Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 e colabore para produção de conhecimento dos discentes e docentes, como também com o contato entre a comunidade e a Universidade como constatam Ribeiro (1969) e Nogueira (2000), os resultados da questão não mostraram um grau elevado de participação. Além disso, quando os alunos foram questionados se gostariam de participar de atividades de Extensão na questão 15, os graus de concordância unidos somam 64,5%. Tal percentual relaciona-se com a maioria dos relatos dos participantes no grupo focal, que demonstram interesse em participar de atividades de Extensão, todavia ressaltaram que são impedidos por conta do trabalho e do pouco tempo disponível. É perceptível, portanto, que embora a participação dos alunos seja mínima, eles gostariam de poder participar.

#### 4.3.1 Frequência na participação de atividades acadêmicas

Apresentam-se nesse tópico, as análises em relação à frequência da participação de atividades acadêmicas dos alunos do noturno. As afirmativas do quadro 6 estão relacionadas à participação dos alunos nas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão que acontecem fora da sala de aula.

É necessário ressaltar inicialmente que o resultado geral do índice da tabela que usou da Escala *Likert* com os seguintes graus de “Nunca”, “Raramente”, “Às vezes”, “Muitas vezes” e “Sempre”, obteve a maioria das respostas nas opções “Nunca” e “Raramente”. Nota-se que os alunos pesquisados não participam com grande frequência de atividades acadêmicas desenvolvidas fora do horário de aula no período da noite. Os resultados dessa temática estão evidenciados nos dezesseis itens do quadro 6 a seguir.

**Quadro 6 - Frequência da Participação Multifuncional**

	Nunca		Raramente		Às vezes		Muitas vezes		Sempre	
Cursos profissionalizantes (idioma, informática, etc.)	100	<b>38,6%</b>	88	33,9%	47	18,1%	14	5,4%	10	3,8%
Minicursos/Seminários ofertados pela UNIPAMPA	51	19,6%	83	32%	84	<b>32,4%</b>	35	13,5%	6	2,3%
Monitoria (monitor ou ouvinte)	155	<b>59,8%</b>	57	22%	32	12,3%	9	3,4%	6	2,3%
Visitas técnicas	156	<b>61,3%</b>	66	25,4%	25	9,6%	9	3,4%	3	1,1%
Ouvinte em palestras e simpósios	34	13,1%	72	27,7%	83	<b>32%</b>	51	19,7%	19	7,3%
Bolsista de iniciação científica	212	<b>81,8%</b>	29	11,1%	13	5%	4	1,5%	0	0%
Voluntário em projetos de pesquisa	140	<b>54%</b>	65	25%	40	15,4%	11	4,2%	3	1,1%
Publicação de resumos/artigos em evento científico	183	<b>70,7%</b>	51	19,7%	20	7,7%	3	1,1%	2	0,7%
Participação em grupo de pesquisa	153	<b>59%</b>	54	20,9%	38	14,7%	9	3,4%	5	1,9%

Apresentação de trabalhos em evento científico	188	<b>72,5%</b>	41	15,9%	22	8,4%	6	2,3%	2	0,7%
Bolsista em projetos de Extensão	204	<b>78,8%</b>	44	16,9%	7	2,8%	4	1,5%	0	0%
Voluntário em projeto de Extensão	173	<b>66,8%</b>	58	22,3%	17	6,5%	9	3,4%	2	0,7%
Participação na organização de eventos	145	<b>56%</b>	65	25%	32	12,3%	14	5,4%	3	1,1%
Ministração de cursos, minicursos/workshop	197	<b>76%</b>	44	17%	14	5,4%	2	0,7%	2	0,7%
Participação em projetos sociais com a comunidade	136	<b>52,5%</b>	67	25,9%	38	14,7%	12	4,6%	6	2,3%
Participação em projetos culturais/esportivos	145	<b>56%</b>	68	26,2%	31	12%	11	4,2%	4	1,5%

Fonte: elaborado pela autora.

Assim sendo, quando os alunos pesquisados foram questionados se participam de atividades de Ensino como **cursos profissionalizantes**, as respostas de “Nunca” e “Raramente” somadas obtiveram um índice de 72,5%. Contudo, embora exista esse índice alto de negação, é importante destacar que as respostas da categoria “Às vezes” em relação aos cursos profissionalizantes obtiveram um dos maiores resultados do quadro 6 com 18,1%, diante desse percentual nota-se que os alunos dos cursos noturnos participam com certa frequência de cursos profissionalizantes.

Em seguida sobre a participação em **minicursos/seminários** ofertados pela UNIPAMPA, pela primeira vez na categoria “Às vezes”, obteve-se o maior índice de resultado de 32,4%. Logo, tal percentual é significativo pois mostra que os alunos do período noturno participam de minicursos e seminários. Ainda, mesmo que as respostas de “Nunca” e “Raramente” unidas somam 51,6%, durante a realização do grupo focal, quando questionados se participam, a maioria dos discentes pesquisados relataram que conseguem participar, todavia somente no período noturno quando acontecessem durante a aula com liberação dos docentes. Atualmente, com a pandemia, foi possível conciliar horários com outros minicursos externos que acontecessem à noite devido às aulas assíncronas. Tal afirmação fica evidente no relato do trabalhador-estudante 26: “Apenas assim [com o ensino remoto] em relação a outros tipos de estudo, eu comecei agora ano passado [...] um curso de inglês que eu tô fazendo, encaixando os horários na parte da noite também”.

Na questão sobre a participação em **monitoria**, as respostas dos respondentes de “Nunca” e “Raramente” unidas somam 81,8% ao contrário do somatório de “Muitas vezes” e “Sempre” de 9,2%. Diante disso, o contraste entre esses resultados somente reafirma a hipótese 1 do presente estudo, pois se as atividades não forem durante o horário de aula, torna-se dificultoso e impossível dos alunos participarem.

Nas últimas duas questões relacionadas à frequência em atividades de Ensino, quando indagados se participam de **visitas técnicas**, as respostas de “Nunca” e “Raramente” unidas somam 86,7%, paralelo a esse percentual, as respostas de “Muitas vezes” e “Sempre” somam 4,5%. Por certo, esses resultados somente reafirmam a inexistência de uma formação multifuncional dos alunos do noturno, conforme destaca Fernandes (2020). Também no grupo focal, os participantes no geral relataram que conseguiram realizar visitas técnicas quando foram realizadas no final de semana, sempre com solicitação de dispensa no trabalho. Essa impossibilidade de participar mostrou-se indubitável com base no relato a seguir:

É puxado, os guris foram ali em Dom Pedrito num sábado e nesse dia eu respondi por uma função de chefia. Um dos meus colegas tava de atestado e outro de férias então também não pude participar dessa parte aí. Às vezes, também os programas são de dia (TRABALHADOR-ESTUDANTE 43).

Por fim, sobre a frequência dos alunos como ouvintes em **palestras e simpósios**, as respostas de “Nunca” e “Raramente” obtiveram um índice de 40,8%. É importante destacar que

esse índice é baixo para as categorias de “Nunca” e “Raramente”, tendo em vista que essas duas categorias obtiveram os maiores índices de respostas na tabela em todos os itens. Assim sendo, as respostas de “Às vezes” sobre participar como ouvintes em palestras e simpósios obtiveram um índice elevado de 32% e as respostas de “Muitas vezes” e “Sempre” unidas somam 27%. Com base nisso, é notável que os alunos do noturno possuem uma frequência considerável de participação especificamente nesse tipo de atividade de Ensino.

Todavia, no grupo focal, quando questionados se conseguem participar de palestras e simpósios fora do horário de aula, a maioria dos alunos negou. Como pode ser corroborado com o comentário do trabalhador-estudante 26, “Foi só isso que consegui fazer fora, e no mais as reuniões que tinham lá no auditório da universidade. Algumas vezes, [...] que era no horário de aula eu até ia, mas só nessas aí mesmo. Fora no horário de aula não fiz nada”.

Em suma, observa-se resultados elevados de negação em comparação com os de afirmação nas atividades de Ensino. Além disso, as falas dos alunos no grupo focal somente reafirmam a impossibilidade de participar de atividades fora do horário de aula. Em virtude disso, a frequência dos alunos dos cursos noturnos em atividades de Ensino ainda é mínima, o que reforça a hipótese 1 do presente estudo.

Do mesmo modo nas afirmativas relacionadas a atividades de Pesquisa, quando os alunos foram questionados sobre participar como **bolsista em iniciação científica**, as respostas de “Nunca” obtiveram o índice mais alto de negação do quadro 6, com o resultado de 81,8%. Entende-se, ao analisar as exigências para seleção de algumas bolsas em iniciação científica da UNIPAMPA, que os alunos não podem ter vínculo empregatício ou estágio remunerado para participar. Assim sendo, é indiscutível que essa limitação acaba impedindo os alunos do noturno, que trabalham ou estagiam, de participarem da seleção, o que reafirma a hipótese 2 do presente estudo. Além do mais, no grupo focal, quando questionados sobre participação em atividades de Pesquisa, surgiu um comentário pontual sobre essa limitação:

E algumas pesquisas também, principalmente as que tinham bolsa, tu não pode participar se tu tem vínculo empregatício, se tu tem outra fonte de renda, então isso é muito limitador nesse sentido porque embora tu possa estar tendo disponibilidade naquele momento, tu não te encaixa no perfil (TRABALHADORA-ESTUDANTE 22).

Já em relação a ser **voluntário** em projetos de Pesquisa, as respostas de negação unidas somam 79%, logo as respostas de “Às vezes” obtiveram um índice de 15,4%, visto que para ser voluntário as exigências são diferentes e mais flexíveis, o resultado afirmativo obteve um percentual, que embora baixo, é significativo em relação aos alunos do noturno.

Também na afirmativa sobre **participação em grupos** de Pesquisa, as respostas de negação unidas somam 79,9% e as respostas de “Muitas vezes” e “Sempre” obtiveram um índice de 5,3%. Como se pode ver, esses resultados opostos são pelo fato de que os grupos de Pesquisa acontecem em períodos em que os alunos estão no trabalho ou estágio, assim não existe possibilidade de participação. E também, referente a esses resultados, no grupo focal, a maioria dos alunos relataram que não tiveram um contato muito próximo com a Pesquisa desde que ingressaram no curso, como pode ser confirmado pelo relato a seguir:

Quando eu comecei a ter metodologia, eu tive bem poucos professores que incentivaram a pesquisa exatamente, que mostraram o que era a pesquisa, que convidaram pra conhecer alguma pesquisa que tivesse realizando, sabe... Ao contrário eu tive alguns professores que a intenção parecia ser de assustar a gente, que era um bicho de sete cabeças, que a gente tinha que se dedicar, porque era horrível, porque a gente não ia passar. Eu tive essas experiências com alguns professores, então parecia que queriam dificultar o acesso, no lugar de incentivar a gente. Depois, quando eu fui mais pra o final do curso, eu tive outros professores que incentivaram mais, que foi quando eu comecei procurar participar [...] não consegui entrar em nenhum grupo de

pesquisa, mas consegui ir fazendo outras [pesquisas de trabalhos de disciplina] (TRABALHADORA-ESTUDANTE 22).

Quando questionados sobre **publicações** em eventos científicos, 90,4% das respostas somadas foram de “Nunca” e “Raramente”. Mediante esse resultado elevado de negação, nota-se que o envolvimento na Pesquisa pelos alunos do noturno é quase nula, ou seja, é indubitável que esses discentes estão tendo uma formação unifuncional e não multifuncional, uma vez que as respostas de “Muitas vezes” e “Sempre” unidas somam apenas 1,8%.

Além disso, quando questionados sobre **apresentação de trabalhos** em eventos científicos, as respostas de “Nunca” e “Raramente” unidas somam 88,4%. Diante disso, a explicação para esses índices de negação serem elevados decorre do fato dos alunos não terem disponibilidade de tempo para dedicar-se à construção de um trabalho científico e posteriormente à participação no evento, devido à dupla jornada de trabalho e estudo que exercem.

Podemos observar também, no grupo focal, que a maioria dos alunos pesquisados somente conseguem participar desses eventos mediante solicitação de dispensa no trabalho ou no período noturno. Percebe-se com base no relato da trabalhadora-estudante 21, que afirma: “Eu consegui fazer o SIEPE, todos os SIEPEs que tiveram eu fiz... Eu consegui fazer a semana acadêmica... também... só na parte noturno né... porque dos SIEPEs eu pedia dispensa”.

Por fim, as afirmativas relacionadas à participação dos alunos em atividades de Extensão, quando questionados sobre participar como **bolsista em projetos de Extensão**, as respostas de “Nunca” e “Raramente” unidas somam 95,7%. É considerável a quase inexistente participação dos alunos do período noturno nessa atividade, isso ocorre pelo fato de terem que dispor de tempo fora do período das aulas para executarem as tarefas solicitadas em um projeto de Extensão.

Em relação a serem **voluntários** em projeto de Extensão, 89,1% dos respondentes responderam que “Nunca” e “Raramente”. Esse grande índice de negação decorre pelos mesmos fatores que impedem os alunos do noturno de participarem das outras atividades dispostas no quadro 6, por falta de tempo e pela falta de oferta da Universidade para os alunos dos cursos noturnos.

Como se não bastasse esses índices elevados no questionário, durante o grupo focal, quando os participantes foram questionados, ficou evidente pelos relatos de que tiveram participações mínimas em atividades de Extensão. Tal afirmação pode ser observada no relato do trabalhador-estudante 43, “Extensão nós concluímos no 4º semestre no projeto aquele que nós apresentamos no pátio.” Além disso, a trabalhadora-estudante 21 também opinou sobre: “Extensão consegui só fazer esse trabalho que a [professora] colocou pra nós que foi apresentação no pátio, o único que tenho.” Observa-se que as atividades de Extensão realizadas por esses alunos são fruto de propostas dos docentes de determinadas disciplinas.

Em relação às participações na **organização de eventos, projetos sociais com a comunidade** e em **projetos de culturais e esportivos**, as respostas de “Nunca” e “Raramente” somadas obtiveram um índice de 81%, 78,4% e 82,2% respectivamente. Ademais, as respostas de “Muitas vezes” e “Sempre” das mesmas participações mencionadas acima somam 6,5%, 6,9%, 5,7% respectivamente. Diante do contraste entre os resultados elevados de negação e índices baixos referentes a participação dos alunos do período da noite, percebe-se que a frequência dos alunos do noturno é mínima em atividades de Extensão que acontecem fora do horário da aula.

Nas afirmações sobre a **ministração** de cursos e minicursos/workshop, 93% dos alunos responderam que “Nunca” e “Raramente” participam e 1,4% responderam que “Muitas vezes” e “Sempre”. Em vista desse índice alto de negação, observa-se que os alunos do noturno não estão envolvidos com atividades de Extensão que possibilitam a produção e socialização de conhecimento, assim como a relação e os acordos entre a Universidade e a comunidade,

como constata Nogueira (2000). Também, no grupo focal, os participantes relataram o pouco envolvimento que tiveram com atividades de Extensão, isto está evidente no comentário a seguir:

Eu participei de pouquíssimas coisas extras, olha eu tava até agora tentando lembrar, fazer esse exercício, porque até eu acho que o curso de Economia não tem divulgação nesses termos de coisas de Extensão assim... Eu lembro das semanas acadêmicas, das palestras e lembro de alguns grupos que a gente tinha que funcionavam aos sábados, teve um de investimento, mas assim participei de pouquíssimas coisas extras (TRABALHADORA-ESTUDANTE 27).

Entende-se, portanto, que os resultados apresentados sobre a frequência da participação dos alunos dos cursos noturnos nas atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão são mínimos. Por certo, pode-se afirmar que a hipótese 1 e 2 do presente estudo são válidas, uma que vez os alunos não têm tempo para participar dessas atividades, por conta da dupla jornada de trabalho e estudo. Ainda, a Universidade não oferta condições para os alunos do noturno participarem dessas atividades fora da sala de aula. Constata-se, portanto, pelos resultados do quadro 6 que os alunos dos cursos noturnos não estão tendo uma formação multifuncional.

#### 4.4 Características da formação multifuncional na UNIPAMPA

Apresentam-se nesse tópico as análises e resultados referentes as características da formação multifuncional ofertadas e divulgadas na UNIPAMPA. Logo, as seis questões que compõem o quadro 7 estão relacionadas com as características da formação multifuncional dos alunos dos cursos noturnos.

**Quadro 7 - Perfil da Formação Multifuncional**

Questão	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
9. O trabalho remunerado é uma atividade prioritária para mim, e a graduação é complementar.	6,2%	24,3%	5,8%	<b>44,8%</b>	18,9%
10. Disponho de pouco tempo para as atividades acadêmicas propostas pela UNIPAMPA em função do trabalho/estágio.	1,2%	7,3%	8,1%	<b>43,6%</b>	39,8%
16. Acredito que somente os ensinamentos em sala de aula irão colaborar para minha formação profissional.	14,7%	<b>49,8%</b>	10,8%	18,1%	6,6%
17. Participo de atividades de Pesquisa e Extensão porque tenho tempo.	30,1%	<b>42,5%</b>	17,8%	9,3%	0,4%
18. Considero a oferta de atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão adequadas para os alunos de cursos noturnos que trabalham.	20,1%	<b>35,5%</b>	15,8%	21,6%	20,1%
19. Encontro facilmente informações sobre atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão que ocorrem fora de sala de aula.	12,4%	<b>42,1%</b>	21,2%	22,8%	1,5%

Fonte: elaborada pela autora.

Nota-se que na questão 9 sobre o trabalho remunerado ser uma atividade prioritária para os alunos do noturno enquanto a graduação é complementar, os graus de concordância unidos somam 63,7%. Em vista desse resultado, percebe-se que os alunos do período noturno priorizam o trabalho para poderem manter o próprio sustento e muitas vezes auxiliarem os seus familiares. Ademais, no grupo focal, quando os participantes foram questionados sobre

trabalhar, todos responderam similarmente sobre o fato de trabalharem antes mesmo de ingressarem no Ensino Superior. Isso pode ser corroborado no comentário abaixo:

Eu quando entrei na faculdade eu já estava trabalhando, eu trabalhava todo dia e período integral, então eu não tinha como estudar de dia porque até eu não pretendia parar de trabalhar e até hoje eu não pretendo, trabalho todo dia ainda, então o horário noturno era o único que eu teria disponibilidade de estudar, então também foi por isso, por trabalho (TRABALHADORA-ESTUDANTE 23).

Em relação à afirmação 10, quando os alunos foram questionados se dispõem de pouco tempo para as atividades acadêmicas por conta do trabalho/estágio, as respostas de “concordo” e “concordo totalmente” unidas somam 83,4%. Isso se destaca também na afirmação 17, quando indagados se participam das atividades por dispor de tempo, as respostas de “discordo” e “discordo totalmente” unidas somam 72,6%. Diante disso, observa-se pelos índices opostos que os alunos pesquisados não dispõem de tempo por conta da rotina de trabalho ou estágio e Universidade no período da noite. Além do mais no grupo focal, os participantes comentaram sobre os fatores que impedem sua participação nas atividades fora do horário de aula, como o cansaço, trabalho e falta de tempo. Isto está evidente com base no relato seguinte:

O cansaço foi um fator que me atrapalhou bastante assim né... do que eu gostaria de ter participado mais que eu não pude e a questão de horários também. No desempenho acadêmico das disciplinas foi tranquilo pra mim. Eu gostei do curso, sempre ia atrás e os professores ajudaram bastante trazendo as atividades pra aula né, como eu falei. Então não me impactou, mas meu desempenho em atividades extras foi abaixo do que eu esperava, eu esperava participar mais. Atividades de extensão, seminários, viagens, tudo isso que acontecia durante dias de semanas, ou durante o turno do dia, né, de manhã e de tarde que eu não podia participar porque tava trabalhando. Isso foi o que impactou mais (TRABALHADORA-ESTUDANTE 22).

Na questão 16 quando os alunos foram questionados se somente os ensinamentos em sala de aula irão colaborar para a sua formação profissional, os graus de discordância unidos somam 64,5%. No entanto, na questão 9 analisada acima, a maioria dos alunos (63,7% quando somados “concordo” e “concordo totalmente”) afirmaram que o trabalho é a sua maior prioridade. Assim sendo, percebe-se que embora o trabalho seja prioridade, com o resultado da questão 16 fica evidente que os alunos do noturno esperam algo mais para completar sua graduação além dos ensinamentos na sala de aula. Inclusive, no grupo focal, quando os alunos foram questionados sobre o desempenho acadêmico, a maioria respondeu que foi negativo, principalmente para atividades fora da sala de aula, como pode ser confirmado pelo relato a seguir.

Pra mim impactou negativamente meu desempenho, tanto na questão de Extensão, como as colegas falaram, quanto de desempenho durante as aulas, porque muitas vezes eu tava ali só de corpo presente, a minha cabeça tava totalmente cansada e eu não conseguia focar na explicação do professor. Eu tava só olhando pra ele, o foco era chegar em casa e descansar (TRABALHADORA-ESTUDANTE 27).

No que se refere à afirmação 18, embora exista uma tendência a perceber que a UNIPAMPA oferta atividades acadêmicas adequadas (41,7% quando somados “concordo” e “concordo totalmente”), os graus de discordâncias unidos somam 55,7%. Em vista disso, esse percentual elevado de discordância decorre do fato de que embora existam ofertas de atividades acadêmicas disponíveis, essas ofertas não conseguem alcançar os alunos dos cursos noturnos. Além do mais, no grupo focal, quando questionados sobre oferta adequada de atividades pela Universidade, ficou claro pelas sugestões dos participantes que essas ofertas necessitam de

certas mudanças para suprir a demanda dos alunos do período noturno. Isso pode ser corroborado com a opinião abaixo.

[Façam] oficinas também durante a semana acadêmica, minicursos que ambientalizem as pessoas [...] porque às vezes os alunos não têm certeza do que é a Pesquisa, que demonstre um exemplo, que explique pra o aluno o que é a Pesquisa, o que o aluno vai fazer participando de uma pesquisa, porque às vezes a gente não sabe qual vai ser o nosso papel [...] Então através dessas palestras, desses minicursos acho que seria um meio também de incentivar, motivar e despertar nas pessoas a vontade, porque as vezes as pessoas só estão perdidas. Não entende exatamente o que se faz então não vão se interessar por fazer aquilo (TRABALHADORA-ESTUDANTE 22).

Além disso, na questão 19 quando questionados se encontram facilmente informações sobre atividades acadêmicas que ocorrem fora da sala de aula, os índices de discordâncias somados são de 54,5%. Há de se considerar, também, que as respostas de “Indiferente” obtiveram um índice elevado de 21,7%. Percebe-se, portanto, que os alunos não souberam responder ou não quiseram se posicionar frente a essa afirmativa no questionário.

Todavia, no grupo focal quando os participantes foram questionados sobre a divulgação dessas atividades, a maioria dos participantes sugeriram que as divulgações sobre atividades de Pesquisa e Extensão deveriam ser feitas através da plataforma Moodle e pelas redes sociais, pois dificilmente abrem o Sistema GURI tampouco acessam o e-mail institucional com frequência. Nota-se, portanto, que as formas usadas atualmente pela UNIPAMPA para divulgação de atividades acadêmicas não estão obtendo êxito para os alunos dos cursos noturnos.

### Quadro 8 - Perfil da Formação Multifuncional

20. Para participar de atividades de Pesquisa e Extensão, eu teria disposto os seguintes períodos da semana:								
Uma tarde no final de semana	Duas ou mais noites durante a semana	Uma noite durante a semana	Uma manhã no final de semana	Uma manhã durante a semana	Não teria período disponível	Uma tarde durante a semana	Duas ou mais tardes durante a semana	Duas ou mais manhãs durante a semana
34,9%	28,3%	27,5%	26,7%	10,9%	10,5%	9,3%	8,9%	5,4%

Fonte: elaborada pela autora.

Por último, na questão 20 do quadro 8, os alunos foram questionados sobre a possibilidade de tempo e período da semana disponível para a participar de atividades fora da sala da aula. Em relação a dispor de tempo para atividades acadêmicas fora do horário de aula, quando aos alunos pesquisados foram questionados se teriam disponível uma manhã aliada a uma tarde no **final de semana**, obteve-se 61,6% de respostas.

Ademais, percebe-se que durante o **período da semana**, 55,8% dos alunos do noturno disseram possuírem uma noite ou duas ou mais noites que poderiam participar de atividades. Diante desses resultados, percebe-se que se existir a oferta de atividades durante esses períodos, os alunos do noturno teriam interesse de participar.

Salienta-se, contudo que, no grupo focal, os participantes em geral falaram que dependeria do tema proposto nas atividades acadêmicas para participarem. Inclusive, o trabalhador-estudante 26 destacou: “Em relação a ser final de semana, eu particularmente com toda certeza não iria, não ia pegar e abrir mão do tempo que eu tenho de lazer aplicando em pesquisa... é mesmo que seja um tema que eu gostasse.” Ou seja, tal afirmação pode ser investigada mais profundamente para entender o motivo pelo desinteresse nas atividades acadêmicas. A trabalhadora-estudante 27 reforça essas ideias do grupo:

Dependeria muito do tema da pesquisa, no caso, se fosse algo por exemplo, no meu caso que me chamasse muito atenção, na parte que eu gosto de estudar com certeza,

mas se não dificilmente eu abriria mão do sábado que é um horário que eu tenho pra dividir um pouquinho com a família, e também as questões da faculdade pra ir pegar mais outro compromisso, só se fosse algo que fosse de interesse, muito forte (TRABALHADORA-ESTUDANTE 27).

Por fim, as questões de manhãs disponíveis pelos alunos do noturno somam apenas 16,3% e as questões de tardes disponíveis somam apenas 18,2%, esses índices baixos são em decorrência da falta de tempo disponível pelos trabalhadores-estudantes. Há também que destacar que 10,5% dos respondentes não teriam como participar de nenhum período durante a semana, ou seja, ainda que esses alunos reconheçam que a sua formação necessita de atividades fora da sala de aula, como constatado nas análises apresentadas, eles não têm condições, reafirmando as hipóteses 1 e 2 do presente estudo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tinha como objetivo geral analisar as condições de acesso de estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes de cursos noturnos em atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão para terem uma formação multifuncional no Ensino Superior. Assim, entendeu-se que a UNIPAMPA, *locus* da pesquisa, não fornece condições de acesso para os alunos dos cursos noturnos terem uma formação multifuncional, ou seja, a universidade integrada e multifuncional é disponível somente para o aluno de tempo integral, pois o público dos cursos noturnos das universidades públicas ainda vivencia uma parte da universidade unifuncional.

A falta de condições de acesso para os alunos do noturno é grave, pois não cumpre com o Art. 47, parágrafo 4º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que esclarece que as instituições públicas de Educação Superior devem oferecer no período noturno padrões de qualidade compatíveis com os dos cursos ofertados no período diurno, além de garantir a previsão orçamentária adequada para suprir essa demanda no que diz respeito ao Ensino Superior Noturno (BRASIL, 1988).

Ademais, identificou-se que o perfil de aluno dos cursos noturnos da UNIPAMPA é de trabalhador-estudante, ou seja, que possui dupla jornada de trabalho e estudo para manter o próprio sustento e, muitas vezes, auxiliando financeiramente suas famílias. Ainda, ao identificar a frequência de participação desses trabalhadores-estudantes nas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão dos cursos noturnos, foi constatado uma frequência mínima de participação dos alunos pesquisados nessas atividades. Nesse sentido, observou-se que a maioria dos alunos do noturno raramente fez atividades acadêmicas fora do horário da aula, o que confirma a hipótese 1 do presente estudo, de que esses alunos não têm condições de participar de atividades acadêmicas fora de sala de aula.

Assim, ao avaliar as condições de oferta de atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão para estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes, percebeu-se pelos resultados do questionário e do grupo focal, que a oferta de atividades realizada pela UNIPAMPA não consegue alcançar os alunos dos cursos noturnos. Diante disso, esse resultado relaciona-se com a hipótese 2 levantada pelo estudo de que a Universidade não oferta condições para estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes terem acesso a atividades acadêmicas fora de sala de aula.

Por fim, ao verificar as condições desses alunos em participar das atividades acadêmicas ofertadas, ficou evidente pelos relatos dos participantes no grupo focal os fatores que impedem a participação nessas atividades. Esses fatores são o cansaço, falta de tempo e a dupla jornada de trabalho e estudo exercida pelos alunos do período noturno, o que reforça a hipótese 1 do estudo.

Destaca-se também que essa pesquisa teve limitações com relação ao grupo focal, por se tratar do contexto pandêmico atual. Assim, a realização do grupo focal teve que ser via

*Google Meet* em que os respondentes não podiam conversar tão soltos e livremente como seria na modalidade presencial. Diante dessa questão, não foi possível captar expressões corporais dos alunos, fator importante na coleta de relatos de um grupo focal.

Sugere-se como estudos futuros que sejam pesquisados os professores e gestores da UNIPAMPA do Campus Santana do Livramento, *locus* da pesquisa. Além do mais, que sejam feitas pesquisas mais qualitativas sobre temas que mais interessam aos alunos com relação às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, como também, mudanças nas divulgações dessas atividades. Assim, ao analisar os resultados dessas pesquisas, com as opiniões e sugestões dos discentes, será possível entender como o aluno de curso noturno irá participar de atividades acadêmicas fora de sala de aula e evidentemente transformar sua formação no Ensino Superior para uma formação multifuncional.

#### 4 REFERÊNCIAS

- ARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 18, n. 2, p. 459-485, Julho, 2013.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisas de survey**. Belo Horizonte: UFMG; 1999.
- BARREIRO, I. M. F; TERRIBILLI FILHO, A. Educação superior no período noturno: políticas, intenções e omissões. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p.81-102, jan./mar. 2007.
- BITTAR, M.; ALMEIDA, C. E. M. DE; VELOSO, T. C. M. A. Políticas de educação superior: ensino noturno como estratégia de acesso para o estudante-trabalhador. **Revista Educação em Questão**, v. 33, n. 19, 15 set. 2008.
- BRASIL. **Constituição Federal da República**. Senado Federal: Brasília, 1988.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Gerais do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**. Brasília: MEC, ago. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Perguntas frequentes sobre educação superior**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/127-perguntas-frequentes-911936531/educacao-superior-399764090/14384-perguntas-frequentes-sobre-educacao-superior>> Brasília: MEC, 2018. Acesso em: 05 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**: diretrizes gerais (Portaria nº 552 SESu/MEC, de 25 de junho de 2007, em complemento ao art. 1º §2º do Decreto Presidencial nº 6.096, de 24 de abril de 2007). Brasília, DF, 2007.
- CALDERÓN, A. I. Repensando o papel da universidade. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 2, p. 104-108, 2004.
- CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais – Rev. Interinst. Psicol.** Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). **Resolução no 7, de 18 de dezembro de 2018**. Diário Oficial da União, Brasília, 19 dez. 2018. Seção 1, p. 49.
- COSTA, C. F. **A Universidade Pública e o padrão dependente de educação superior: uma análise da articulação entre as políticas de ampliação do acesso e de incentivo à inovação**. 2018. 266 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, RS, 2018.
- DURHAM, E. R. **Uma política para o ensino superior brasileiro: diagnóstico e proposta**. Documento de trabalho do NUPES/USP, São Paulo, 1998.

FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus, AM, maio 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/>> Acesso em: 05 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FURLANI, L. M. T. **A claridade da noite: os alunos do ensino superior noturno.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2019.

INEP. **Censo da Educação Superior 2018.** (2019). Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/apresentacao\\_censo\\_superior2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior2018.pdf)> Acesso em: 13 out. 2020.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 7. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017.

LEHER, Roberto. A problemática da universidade 25 anos após "a crise da dívida". **Universidade e Sociedade**, v. 16, n. 39, p. 9-15, fev. 2007.

LIMA, Kátia. Capitalismo dependente e "reforma universitária consentida": a contribuição de Florestan Fernandes para a superação dos dilemas educacionais brasileiros. In: SIQUEIRA, A.; NEVES, L. (Orgs.). **Educação superior: uma reforma em processo.** São Paulo: Xamã, 2006.

LUCKESI, C. **Fazer universidade: uma proposta metodológica.** Cortez Editora, 17a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2019.

MARANHÃO, J. D. **Ensino superior noturno: percepções de estudantes da graduação na Universidade Federal da Bahia.** 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

NOGUEIRA, Maria D. P. (Org.). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas.** Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos.** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PPC - PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO, Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública. UNIPAMPA. 2019.

RAYS, O. A. Ensino-pesquisa-extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Caderno Educação Especial UFSM**, Santa Maria, n. 21, p. 1-10, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, Darcy. **Encontros com a Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

RIBEIRO, Ricardo. **Professoras de outrora: Professoras de outrora escola primária paulista (1925-1950).** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

SAMPAIO, Helena. **Ensino superior no Brasil: o setor privado.** São Paulo: Fapesp/Hucitec, 2000.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** 3. ed. São Paulo, SP: McGraw-Hill, 2006.

SANTANA, C. B. **A caminho da democratização da UFBA: o novo aluno dos cursos noturnos**. 2013. 243 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) — Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SÃO PAULO. **Constituição Estadual**. Senado Federal: Brasília, 1989.

SILVA, Anielson Barbosa da. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

SILVA, Edna Lúcia da.; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/ PPGEF/LED, 2000.

TAUCHEN, Gionara. **O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TERRIBILI FILHO, Armando; RAPHAEL, Hélio Sonia. **Fatores de atrasos e faltas do estudante do ensino superior noturno: a perda de aulas, de provas e o impacto no seu aproveitamento e em avaliações**. Avaliação, Campinas, v. 10, n. 2, p. 117-135, jun. 2005.

TERRIBILI FILHO, Armando. "Ensino superior noturno no Brasil: estudar para trabalhar ou trabalhar para estudar?". **Odiseo – Revista Electrónica de Pedagogía**, v. 4, n. 7, fev. 2007.

TERRIBILI FILHO, Armando; NERY, Ana Clara Bortoleto. Ensino superior noturno no Brasil: história, atores e políticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [S.l.], v. 25, n. 1, mar. 2011.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 18, n. 2, p. 459-485, Julho. 2013.

## **APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados**

### **QUESTIONÁRIO**

Olá, meu nome é Lavinia Madruga Pires, sou aluna do 6º semestre do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública da Universidade Federal do Pampa. O questionário faz parte da minha pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: A Universidade Multifuncional nos Cursos Noturnos: Uma Análise da Formação Acadêmica do Estudante-Trabalhador e do Trabalhador-Estudante, sob orientação do prof. Igor Medeiros.

O questionário está dividido em 4 blocos e tem duração média de resposta de 5 minutos.

Para maior entendimento do questionário, é necessário ter claro o que são as atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade:

Ensino compreende as atividades que possam complementar a formação da sala de aula, ou seja, participação em projetos de ensino, monitorias, visitas técnicas, cursos profissionalizantes, cursos de idiomas e informática, bem como ouvinte em palestras, seminários e eventos.

Pesquisa compreende as atividades investigativas desenvolvidas pelos alunos e que possam, ou não, resultar em publicação (livros, e-books, artigos, resumos, apostilas), participação em projetos de pesquisa, como bolsista de iniciação científica ou voluntário, apresentação de trabalhos científicos em congressos e eventos de pesquisa, além de participar como ouvinte em bancas de defesa de graduação e pós-graduação.

Extensão são as atividades em que os alunos interagem com membros da comunidade no sentido de fazer com que os conhecimentos produzidos no ambiente universitário sejam conhecidos e aplicados na sociedade, como bolsista ou voluntário de projetos de extensão, estágios não obrigatórios, ministração de cursos, palestras e workshops, organização de eventos e campanhas beneficentes, educativas, esportivas.

#### **BLOCO 1 – Perfil do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante**

##### **1. Atualmente, desempenho a seguinte atividade profissional:**

- Estagiário
- Trabalhador contratado (com vínculo empregatício – carteira assinada)
- Trabalhador informal (sem vínculo empregatício)
- Bolsista
- Servidor público
- Não trabalho nem estagio, apenas estudo

##### **2. Sou estudante do Curso Noturno de:**

- Gestão Pública
- Administração Noturno
- Ciências Econômicas

**3. Minha escolha foi influenciada pela oferta (Administração, Economia e Gestão Pública) do curso no período noturno.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**4. Escolhi um curso noturno porque já trabalhava durante o dia.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**5. Trabalho/estagio meio período para que possa arcar com algumas das minhas despesas, mas sou sustentado principalmente pela minha família.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**6. Trabalho o período integral para manter o meu próprio sustento.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**7. Trabalho o período integral para me sustentar e para auxiliar as despesas domésticas da minha família.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**BLOCO 2 - Frequência da participação multifuncional**

**8. Marque com que frequência você participa de atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão durante o curso:**

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Cursos profissionalizantes (idioma, informática, etc.)					
Mini-cursos/Seminários ofertados pela UNIPAMPA					
Monitoria (monitor ou ouvinte)					
Visitas técnicas					
Ouvinte em palestras e simpósios					
Bolsista de iniciação científica					
Voluntário em projetos de pesquisa					
Publicação de resumos/artigos em evento científico					
Participação em grupo de pesquisa					
Apresentação de trabalhos em evento científico					
Bolsista em projetos de Extensão					
Voluntário em projeto de Extensão					
Participação na organização de eventos					
Ministração de cursos, mini-cursos workshop					
Participação em projetos sociais com a comunidade					
Participação em projetos culturais/esportivos					

### **BLOCO 3 - Perfil da formação multifuncional**

**9. O trabalho remunerado é uma atividade prioritária para mim, e a graduação é complementar.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**10. Disponho de pouco tempo para as atividades acadêmicas propostas pela UNIPAMPA em função do trabalho/estágio.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**11. Participo por vontade própria de atividades de Ensino** (seminários, monitorias, visitas técnicas, cursos profissionalizantes, cursos de idiomas e informática, etc).

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**12. Participo ou já participei em atividades de Pesquisa** (bolsista de iniciação científica, apresentador de trabalhos científicos em congressos, ouvinte em bancas de TC, etc).

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**13. Gostaria de participar de atividades de Pesquisa** (bolsista de iniciação científica, apresentador de trabalhos científicos em congressos, ouvinte em bancas de TC, etc).

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**14. Participo ou já participei de atividades de Extensão, que envolvem interagir com a comunidade** (bolsista de extensão, estágios não obrigatórios, ministração de cursos, organização de eventos e campanhas, etc).

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**15. Gostaria de participar de atividades de Extensão** (bolsista de extensão, estágios não obrigatórios, ministração de cursos, organização de eventos e campanhas, etc).

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**16. Acredito que somente os ensinamentos em sala de aula irão colaborar para minha formação profissional.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**17. Participo de atividades de Pesquisa e Extensão porque tenho tempo.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**18. Considero a oferta de atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão adequadas para os alunos de cursos noturnos que trabalham.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**19. Encontro facilmente informações sobre atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão que ocorrem fora de sala de aula.**

- Concordo totalmente
- Concordo
- Indiferente
- Discordo
- Discordo totalmente

**20. Para participar de atividades de Pesquisa e Extensão, eu teria disposto os seguintes períodos da semana:**

- Uma noite durante a semana
- Duas ou mais noites durante a semana
- Uma manhã durante a semana
- Duas ou mais manhãs durante a semana
- Uma tarde durante a semana
- Duas ou mais tardes durante a semana
- Uma manhã no final de semana
- Uma tarde no final de semana
- Não teria período disponível

#### **BLOCO 4 – Perfil socioeconômico**

**21. Sou responsável pela renda familiar:**

Sim  Não

**22. Quantos salários mínimos é a sua renda familiar:**

1 a 3  3 a 5  5 a 10  acima de 10

**23. Sou contemplado por um programa de assistência estudantil na Universidade:**

Sim  Não

**24. Meio de transporte para se locomover para a Universidade:**

- Ônibus
- Carro
- Moto
- Bicicleta
- Pedestre
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**25. Ensino Fundamental:**

- Escola Pública
- Escola Privada
- Escola Pública/Privada

**26. Ensino Médio:**

- Escola Pública
- Escola Privada
- Escola Pública/Privada

**27. Gênero:**

- Feminino
- Masculino
- Não binário
- Mulher Trans
- Homem Trans

**28. Faixa etária:**

- Até 18 anos
- De 19 a 21 anos
- De 22 a 25 anos
- De 26 a 30 anos
- De 31 a 40 anos
- Mais de 40 anos

**OBS: Se você quiser receber os resultados dessa pesquisa e participar da 2º etapa com o grupo focal, coloque seu e-mail abaixo para que seja contatado:**

## **APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Dados**

### **ROTEIRO DE DISCUSSÃO DO GRUPO FOCAL**

Os cursos de Ensino Superior nas Universidades Federais devem ter atividades extracurriculares de Pesquisa e Extensão. Vocês, participantes desse grupo focal, são estudantes que trabalham e possuem responsabilidades no trabalho, em casa, e na universidade. Em vista disso respondam:

#### **Trabalho e Estudo**

1. Por que motivo vocês escolheram um curso no período noturno?
2. De que forma vocês conciliam a rotina de trabalhar durante o dia e estudar no período noturno?
3. Como isso impacta no desempenho acadêmico de vocês?

#### **Atividades Extracurriculares**

1. Quais atividades acadêmicas fora de aula vocês mais conseguem participar?
  - 1.1 Vocês participam por vontade própria?
  - 1.2 Por que não participam das outras?
2. Como vocês acreditam que seria possível para um aluno de curso noturno participar de atividades de pesquisa e extensão?
3. De que forma vocês, alunos do período noturno, conseguiriam participar de grupos de pesquisa na Universidade?
4. Que projetos de extensão vocês acreditam que despertariam interesse de participação de alunos do curso noturno?
5. De que forma a universidade deveria propor seus projetos de pesquisa e extensão para que alunos do noturno possam participar?
6. Como a universidade deveria ofertar essas atividades acadêmicas para vocês participarem?
7. Como deveria ser a divulgação dessas atividades?